AUTISMO: PROCESSO ENSINO APREDIZAGEM

ÉRICA GOMES SANTOS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo abordar aspectos no processo de ensino e aprendizagem de alunos com autismo. O estudo foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas que muito colaboram na busca de uma melhor qualificação do profissional. A partir delas verificou-se que o autismo, na maioria das crianças, reprime a fala e quando muito provoca repetições de sons e palavras. O autista que ainda não lê, convencionalmente, o faz por meio da leitura auditiva. Dessa forma ela deve estar presente em seu cotidiano, desde as leituras de seus pais, familiares, como também nas de educadores, de manuseio de livros na biblioteca, nos cantinhos de leituras, escola ou em casa. A escola tem um papel fundamental, porém é necessário que busque incansavelmente meios de facilitar a aprendizagem do aluno através de ferramentas disponíveis que entre elas foram destacados o método TECCH e o método PECS. Como resultado obtido da pesquisa, percebemos que alfabetização do aluno autista, deverá considerar seu conhecimento de modo que ele possa chegar ao processo de ideias necessárias.

Palavras-Chave: autismo, ensino, aprendizagem e leitura.

ABSTRACT

This article aims to address aspects in the teaching and learning process of students with autism. The study was carried out through bibliographic research that greatly collaborate in the search for a better qualification of the professional. From them it was found that autism, in most children, represses speech and at most causes repetition of sounds and words. The autistic who still does not read, conventionally, does it through auditory reading. In this way, she must be present in her daily life, from the readings of her parents, family members, as well as those of educators, handling books in the library, in the reading corners, at school or at home. The school has a fundamental role, but it is necessary that it tirelessly seek ways to facilitate student learning through available tools, among which the TECCH method and the PECS method were highlighted. As a result obtained from the research, we realized that the autistic student's literacy should consider their knowledge so that they can reach the process of necessary ideas.

Keywords: autism, teaching, learning and reading.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a conceituação do autismo e aspectos no processo de ensino e aprendizagem desses indivíduos. Ao longo da história, as pessoas com deficiências têm sofrido discriminação em vários campos sociais. Em algumas épocas foram mortas, em outras foram exploradas, isoladas ou vistas como endemoninhadas pelos demais. Na sociedade moderna, percebe-se que ainda são discriminadas.

O autismo se manifesta por volta dos três anos de idade e compromete habilidades sociais, de comunicação e comportamentais. Isso dificulta muito a sua escolarização porque a adaptação ao ambiente escolar é um desafio e as atividades pedagógicas nem sempre são capazes de despertar os interesses dos alunos com esse transtorno.

Dessa forma, este artigo buscou abordar o autismo e sua definição, bem como as dificuldades de inclusão ou oportunidades de estratégias de ensino para alunos autistas como o Método Teacch e PECs e o desenvolvimento por meio da música que podem ser utilizados pelos educadores como recursos importantes para o processo de ensino e aprendizagem.

2 DESENVOLVIMENTO

De acordo com o DSM-V, a mais recente versão do Manual de Saúde Mental o autismo integra o transtorno do espectro autista junto a outros transtornos como Asperger, o desintegrativo da infância, entre outros. De modo geral, ainda segundo o DSM-V os transtornos presentes no espectro autista têm duas principais áreas afetadas, sendo os déficits na comunicação e interação com os demais, ou seja, déficits no âmbito social; e também apresentam padrões de comportamento que são repetitivos e restritos, além de investirem repetidamente e restritivamente a alguns interesses e atividades (DSM, 2014).

Em outras palavras, segundo Figueiredo (2015) o autismo é um transtorno do desenvolvimento com diagnóstico inicial feito por pais e/ou responsáveis através da observação dos sinais como os comportamentos repetitivos citados acima. Além disso, a autora afirma que estatisticamente a probabilidade de meninos apresentarem o autismo é de 4X maior quando comparados às meninas.

Entre os transtornos do desenvolvimento existente, o autismo é bastante comum na população sendo em média um caso em cada duzentas pessoas. As causas genéticas são responsáveis por grande parte dos casos de autismo, com isso a existência de familiares com autismo se torna um fator de risco para o transtorno do autismo (KLIN, 2006).

2.1 DESENVOLVIMENTO NA LEITURA E ESCRITA EM ALUNOS COM AUTISMO

De acordo com Ferreiro (2006), o desenvolvimento da leitura e escrita não deve ser dissociado do sujeito que aprende, a teórica critica o método tradicional de ensino da linguagem porque em sua base é necessário que o aluno apresente pré-requisitos, ou seja, aptidões prévias para aprender a ler e escrever. Porém, conforme destacado por Ferreiro, a escrita é necessariamente a história social, ela é um produto social cultural, por isso, a teórica afirma que ensinar a ler e escrever não se trata de uma técnica ou código que necessariamente fazem parte dialeto de prestígio que é o padrão, o que faz com que grupos segregados sejam ignorados ou menosprezados

No Brasil, Freire (1993) também se opõe ao modelo de ensino tradicional da alfabetização, ele afirma mais do que reconhecer códigos, a alfabetização é compreender o mundo, fazer sua leitura. Por isso, o teórico afirma que "a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente" (FREIRE, 1993, p. 11).

No entanto, a aquisição do conhecimento sobre a leitura e escrita é um processo complexo, mas como afirma Ferreiro (2017), a alfabetização inicial é o principal meio para resolver o problema da alfabetização remediativa (de adolescentes e adultos).

No desenvolvimento típico, as crianças formam a consciência fonológica entre os quatro e cinco anos, o que diz respeito às habilidades supras segmentares e silábicas que em outras palavras, significa a capacidade que a criança tem para identificação, reconstrução e manipulação intencional das sílabas que compõem as palavras, essa habilidade acontece de forma espontânea. Em segundo lugar, ocorre a o desenvolvimento da consciência fonêmica por volta dos seis anos de idade, essa fase depende de instruções sobre a estrutura alfabética das palavras, ou seja, é quando se inicia o processo formal de alfabetização, é quando o aluno passa a associar os sons das palavras à grafia. Por fim, ocorre o desenvolvimento da fluência, que significa a habilidade que o indivíduo adquire para ler textos com maior facilidade atendendo a características como rapidez e precisa, se trata finalmente da conexão indissociável que é feita entre o reconhecimento e a compreensão da palavra escrita (BERNADINO JUNIOR et al., 2006; GODOY, 2008 apud NUNES, WALTER, 2016).

Já os alunos com autismo têm algumas limitações quanto ao processo de alfabetização típica. Isso porque uma parte desses alunos apresentam déficits na linguagem oral e de comunicação, assim quando são introduzidos à alfabetização formal apresentam dificuldade para relacionar a palavra escrita com a bagagem prévia de conhecimento (KLUTH; CHANDLEROLCOTT, 2008; WHALON; DELANO; HANLINE, 2013 apud NUNES, WALTER, 2016).

Assim, pode-se citar, por exemplo que:

Em textos narrativos, a inépcia em discernir os pensamentos e sentimentos de personagens de uma história pode, em parte, explicar o fraco desempenho na compreensão. Da mesma forma, essa população apresenta dificuldades em estabelecer relações anafóricas, comprometendo a compreensão textual (WHALON et al., 2013 apud NUNES, WALTER, 2016, p. 623).

Mesibov e Shea (2005) afirmam que o autista tem suas esferas cognitiva, social e sensorial comprometidas em certo grau, entre as limitações os autores destacam:

- Habilidades de linguagem desorganizadas e limitadas;
- Processamento sensorial atípico; • Dificuldade em combinar ou integrar

ideias;

- Dificuldade em interpretar o significado ou relação subjacente de eventos que experienciam; e
- Resistência à falta de previsibilidade e à mudança (MESIBOV, SHEA, 2005, p. 1).

Por isso, esses mesmos autores ressaltam que é fundamental propor uma estrutura de ensino que favoreça a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos autistas de acordo com suas particularidades. Desse modo, mais à frente serão expostos dois métodos que contribuem para a alfabetização desse grupo, sendo o PECS e o TEACCH.

No geral, a criança autista tem dificuldade na aprendizagem, na fala e na escrita. O nível de aprendizagem do autista é mais lento, por isso o professor deve se adequar ao sistema de comunicação de seus alunos, deve entender que o ensino é o objetivo principal de trabalho para com os alunos autista. Toda vez que a criança autista solicitar e tentar o diálogo deve ser atendida, a interação é essencial para o convívio escolar. Assim sendo, a escola precisa promover uma educação inclusiva para melhorar o ensino de aprendizagem desses alunos. A inclusão de alunos autista deve ser uma temática sempre discutida pelos profissionais da educação conforme articula Bereohfe (1991 apud PELIN, 2013, p. 12).

Educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever, questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação, normalidade e competência pro-

fissional. Torna-se um desafio descrever um impacto dos primeiros contatos, entre este professor e esta criança tão desconhecida e na maioria das vezes imprevisíveis (1991 apud PELIN, 2013, p. 12).

A utilização de tecnologias como computadores, tablete com tela sensível ao toque é de fácil uso e estimula a concentração e chama atenção das cores e animação, jogos e músicas. O objetivo principal é estudar as possibilidades do uso da tecnologia para melhorar a qualidade de vida e desenvolvimento da criança autista.

O avanço da tecnologia nas escolas tem ajudado os professores, como ferramentas adequadas às necessidades de cada aluno, podendo aumentar o desenvolvimento e desempenho de seus alunos.

As novas gerações estão crescendo em uma sociedade de informação é possível notar a presença das tecnologias, utilizando-as a favor de todos os alunos principalmente os que apresentam dificuldades na aprendizagem, autismo ou qualquer outra síndrome.

Alba e Sanchez Hípola (1996 apud GIROTO, POKER, OMOTE, 2012) também evidencia a aplicação do uso das TIC no processo educacional de alunos com deficiências por ser analisadas nos seguintes modelos: a utilização da TIC para favorecer a realização de atividades escolares; Aplicação da informática no momento de conteúdos curriculares. A utilização do comportamento como recurso didático. Os professores precisam conhecer e saber utilizar as TIC em suas ações pedagógicas inclusivas, por isso a capacitação continua dos profissionais da educação é importantíssima, para que os mesmos possa realmente ter condições de ensinar a todos de acordo com a necessidade de cada um.

2.2 OS MÉTODOS TEACCH E PECS PARA OS AUTISTAS SEM A VERBALIZAÇÃO

Nesse ponto serão abordados os métodos TEACCHS e PECS. O método Teacch (Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped

CHildren) ou em português "Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com déficits relacionado à Comunicação é um método que foi criado em meados da década de 1960 que busca trabalhar o campo educacional e clínico sob a perspectiva psicoeducativa, ou seja, é um programa transdisciplinar (KWEE, 2006).

O método envolve a participação de todos, como visto:

Atualmente, o programa TEACCH que iniciou como um projeto de pesquisa, cresceu graças a seus resultados empíricos e hoje, a Divisão TEACCH é responsável por todo o setor de educação e saúde pública do Estado da Carolina do Norte, abrangendo as áreas de construção e desenvolvimento de instrumentos de avaliação diagnóstica e psicoeducacional, treinamentos de profissionais, orientações a pais, além da criação de locais de atendimentos, escolas, residências assistidas e programas de acompanhamento profissional (LEON, 2002 apud KWEE, 2006, p. 34).

O método TEACCH se baseia na corrente Behaviorista e na Psicolínguística, a abordagem Behaviorista é importante devido à sua característica comportamentalista, de modo que o TEACCH faz uso dos reforçadores comportamentais. Já a Psicolínguistá é igualmente fundamental para o sucesso do programa porque utiliza diversos recursos visuais que estimulam a interação entre o pensamento e a linguagem, ou seja, as estratégias desenvolvidas com base na Psicolínguistica atuam diretamente sobre os déficits de comunicação mais presente no processo de alfabetização do aluno com autismo (LEON, 2002).

De acordo com Kwee et al. (2006), nesse método as estratégias mais utilizadas partem da psicolinguística através de recursos visuais que viabilizam a interação entre o pensamento e a linguagem, em que a imagem é o estopim para a comunicação. Ainda segundo os autores, o TEACCH é então um método funcional ao mesmo tempo que pragmático.

Dessa forma, o TEACCH trabalha a adaptação do ambiente e elementos pedagógicos facilitando a compreensão da criança autista e favorecendo sua aprendizagem. Para que o programa seja ainda mais efetivo, aplica-se uma ferramenta chamada Perfil Psicoeducacional Revisado (PER-R), essa ferramenta tem a função de identificar as áreas de maior interesse e também onde estão as maiores dificuldades (BRASIL, 2003).

Assim, de acordo com Ferreira (2016, p. 13):

O TEACCH é um modelo de intervenção que por meio de uma "estrutura externa", organização de espaços, materiais e atividades, permitem que a criança autista crie mentalmente "estruturas internas" que devem ser transformadas pela própria criança em estratégias e, mais tarde, automatizadas de modo a funcionar fora da sala de aula em ambientes menos estruturados (FERREIRA, 2016, p. 13).

Morais (2012) afirma que o TEACCH é um modelo de intervenção que tem por principal finalidade preparar a criança com autismo para a construção de sua autonomia preparando-a para a vida. Isso é possível porque o programa TEACCH é capaz de reduzir os comportamentos característicos da síndrome.

Em seu estudo, Morais (2012) acompa-

nhou a evolução de um aluno com autismo inserido por dois anos no programa TEACCH, e constatou que ele se tornou mais sociável e menos agressivo com os colegas, além disso, se antes ficava apenas 25% do tempo estipulado em sala de aula, o interesse foi aumentando ao decorrer do programa sendo que ao final o aluno já permanecia todo o tempo de aula em sala. Quanto às habilidades de leitura, passou a reconhecer um número mais elevado de sílabas simples, a consciência fonológica foi aprimorada, também passou a conhecer os números até 100.

Portanto, o método TEACCH contribui para a formação intelectual da criança, mas também ajuda-o na construção da autonomia, preparando-a para a vida.

Já o PECS (Picture Exchange Communication System) ou em português Sistema de Comunicação por Troca de Figuras é um sistema bastante utilizado por crianças autistas ou com dificuldades na fala (FIDALGO, GODOI, GIOIA, 2008).

De acordo com Souza (2013), o PECS se trata de um método de intervenção com a finalidade de viabilizar a comunicação entre a crianças e demais pessoas. O método se divide em seis fases, sendo:

Primeira fase: Os alunos aprendem a trocar uma figura para itens de atividade que realmente querem. Segunda fase: Aprendem distância e persistência, ainda usando uma figura. Terceira fase: Usam mais que uma figura, passam a escolher entre duas ou mais figuras para pedir seus itens favoritos. Quarta fase: Aprendem a estrutura de sentença, a construir frases simples em uma tira de sentença usando um ícone “Eu quero” seguido por uma figura do item que está sendo solicitado. Quinta fase: Etapa em que o aluno treina respostas às perguntas, ou seja, eles respondem através do PEC à pergunta “O que você quer?” Sexta fase: Aprendem a responder questões

“O que você vê?”, “O que você ouve?”, “O que é isso?” Nessa fase eles também começam a compor sentenças começando com “Eu vejo”, “Eu ouço”, “Eu sinto”, etc. (SOUZA, 2013, p. 8).

De acordo com Coelho (2015), o PECS é baseado na premissa comportamental, assim são utilizadas técnicas de reforço, conforme exposto acima, ele pode ser utilizado em outros programas como em etapas do TEACCH. Além disso, o PECS é um sistema em que não são necessários altos investimentos financeiros, pois os materiais utilizados para cria-los consistem basicamente num conjunto de imagens fixadas com Velcro® numa placa PEC, conforme figura 1, abaixo.



Figura 1 – Exemplar de blocos PEC

Fonte: Coelho (2015, p. 2).

De acordo com Defendi (2016) por ser um método de baixo custo como já dito anteriormente, o PECS tem fácil aceitação em diversos lugares do mundo, podendo ser aplicado por qualquer pessoa e desde que aplicado corretamente beneficia significativamente o desenvolvimento e capacidade da comunicação da criança submetida ao método.

Togashi e Walter (2016) afirmam que a formação continuada de professores para o desenvolvimento de atividades alternativas de comunicação como é o caso do PECS se torna fundamental para que a prática seja iniciada e continuada pelos professores auxiliando o desenvolvimento das crianças.

2.3 A MÚSICA COMO UMA DAS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM

No autista, a música atinge a emoção, depois para emoção física, assim ele consegue interagir e desenvolve atitudes motoras perceptivas e cognitivas que estimulam no processo afetivo e social. Através da música o autista adquire algumas experiências como: A experiência sonora – ouve e reconhece os sons ou a música; experiência motora – executa os instrumentos e se move com a música; experiência Emocional- expressa ânimo ou sentimentos; experiência cognitiva – concentração, memória e atenção; experiência social – participa de atividades musicais coletivas.

A utilização da musica em criança autista muda o comportamento ou isolamento e contribui para o desenvolvimento sócio-emocional. A música ajuda a desenvolver a curiosidade e o interesse para crianças os estímulos, movimentos, atividade motora grossa rítmica, movimento psicomotores livres e estruturados, a dança. A música contribui

para o desenvolvimento da sensibilidade, inteligência, perseverança, amor, criatividade, memorização, autoestima.

O pouco que cada um pode fazer, a começar dentro da família, na comunidade é muito. Importa que se perca o preconceito, a indiferença e tratamento com amor, carinho, dedicação e seriedade de nossos seres especiais, imperfeitos, como todos nós mas, bem amados. Deixamos de lado nossa postura autista e vamos nos comunicar melhor e pacificamente (ROCHA, 2016).

Música como um dos instrumentos pedagógicos proporciona resultados positivos no autista, diminuição do isolamento ajudando no desenvolvimento da interação, através do olhar do toque e a escuta, com a possibilidade desses integrar novamente ao convívio social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados das pesquisas pode se perceber que a inclusão escolar é muito importante para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e a interação social dos autistas, mas também é necessário ferramentas para a adaptação do ensino para o aluno autista ou qualquer outra síndrome, é preciso estudar cada caso, se dedicar, ter paciência e muita persistência, as ferramentas adequadas auxiliam o professor no papel de mediador.

Os métodos desenvolvidos para se trabalhar com o autismo, como o Teacch, comunicação alternativa e PECs – sistema de comunicação por troca de figuras, para aquele que não tem a verbalização, as tecnologias, jogos e brincadeiras proporcionam mudanças significativas no desenvolvimento deste público.

Foram destacados dois métodos de comunicação alternativa aplicados à educação sendo o TEACCH e o PECS, ambos os métodos utilizam recursos visuais para o desenvolvimento do aluno, bem como introduzi-los ao contexto escolar e prepara-lo para a vida ajudando no desenvolvimento da autonomia. Por tudo isto, esses sistemas não limitam seus benefícios ao desenvolvimento das habilidades comunicativas, mas ao auxiliar o aluno no processo de socialização acaba tornandoo mais receptivo ao convivio escolar, e, portanto, ao desenvolvimento escolar.

A família também é importante na vida do autista, pois é a responsável pela dedicação, atenção, amor e quanto mais cedo a procura por um diagnóstico, melhores resultados essas crianças terão no futuro. Com a busca de melhores informações e técnicas para auxiliar no desenvolvimento das crianças autista no ensino regular percebeu-se que todo mundo tem um único potencial. Devemos tratar o autista ou qualquer outra criança, enxergando a sua capacidade, pois uma relação de harmonia e respeito é capaz de grandes transformações. É importante sempre acreditar no ser humano, tenham eles algumas limitações ou não.

Portanto, conclui-se através de todo o desenvolvimento dessa pesquisa, que o aluno autista é capaz de aprender, porém é importante que a família, a comunidade escolar e especialista estejam atentos às suas particularidades, procurando conhecer cada aluno de forma individual para traçar um planejamento pedagógico compatível com a história e características daquele aluno, observando e levando em consideração todas as dificuldades e potencialidades para então desenvolver práticas significativas com a realidade do aluno e que favoreçam o desenvolvimento de suas habilidades sociais e intelectuais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem no autismo. 2 ed. rev. Brasília: MEC, SEESP, 2003.

COELHO, C. O Pictures Exchange Communnication System (PECS). O Portal dos Psicólogos. 2015. ISSN: 1646-6977. Disponível em: < http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0927.pdf> Acesso em: Nov.□2022.

DEFENDI, E. Transtorno do Espectro do Autismo – TEA. Universidade Municipal de São Caetano do Sul. 2016. Disponível em:

<http://sis.posuscs.com.br/sistema/rota/rotas_84/1292/scorm/aula2/pdf/pdf_TEA.pdf> Acesso em: Nov..□2022.

FERREIRA, P. P. T. A inclusão da estrutura TEACCH na Educação Básica. Frutal – MG: Editora Prospectiva, 2016.

FERREIRO, E. A escrita não é um código. 2006. In: 1 Seminário Victor Civita de Educação. 2006. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?time_continue=629&v=TJlt7bfL8MM> Acesso em: Nov./2022.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FIDALGO, A. P.; GODOI, J. P.; GIOIA, P. S. Análise de um procedimento de comunicação funcional. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. v. X, n. 1, p. 51-66. Belo Horizonte, MG. 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/180/149> Acesso em: Nov..□2022.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 2003.

GIROTO, C. R. M.; POKER, R. B.; OMOTE, S. As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas. Marília: Cultura Acadêmica

Editora, 2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/as-tecnologias-nas-praticas_ebook.pdf> Acesso em: Nov..2022.

KWEE, C. S. Abordagem transdisciplinar no autismo: O programa Teacch. Dissertação de Mestrado. Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <https://www.uva.br/mestrado/dissertacoes_fonoaudiologia/CAROLINE-SIAN-LIANKUEE.pdf> Acesso em: Nov..2022.

MESIBOV, G.; SHEA, V. Inclusão Total e Alunos com autismo. Journal of Autism and Developmental Disorders,Vol. 26, Nº3, 2005.

MORAIS, T. L. Modelo Teacch – Intervenção Pedagógica em Crianças com perturbações do espectro do autismo. 2012. 182f. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação Almeida Carret. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2673/_D.pdf?sequence=1> Acesso em: Nov..2022.

NUNES, D. R. P.; WALTER, E. C. Processos de Leitura em educandos com autismo: um estudo de revisão. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 4, p. 619-632, Out.-Dez., 2016.

PELIN, L. Estratégias para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista. 2013. 44f. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2013. Disponível em: < http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4458/1/MD_EDUMTE_2014_2_ 96.pdf> Acesso em: Nov./2022.

SOUZA, P. Apae adere a novo método de comunicação. Jornal Hoje. Cascavel, 14 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.pecs-brazil.com/JornalHojecursoPECSAPAE-Cascavel.pdf> Acesso em: Nov.2022.

TOGASHI, C. M.; WALTER, C. C. F. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 3, p. 351-366, Jul.-Set., 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n3/1413-6538-rbee-22-03-0351.pdf> Acesso em: Nov..2022.